

## **“Confissões de adolescente” e o tratamento de temas tabus para os adolescentes na televisão brasileira<sup>1</sup>**

Guilherme HANSEN<sup>2</sup>

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, SP

### **RESUMO**

O propósito do seguinte artigo é analisar o discurso emitido pela série "Confissões de adolescente", cuja primeira temporada foi exibida pela TV Cultura em 1994. Isso será feito à luz de teorias de análise do discurso, por meio de escritores como Pechêux, Michel Foucault, além de teorias do Círculo de Bakhtin. Os episódios escolhidos para análise são aqueles que falam de temas tabus - pouco discutidos pela família e mais ainda pela televisão - no caso, primeira transa, aborto, drogas e menstruação. A intenção é identificar a ideologia dos autores do seriado e se a presença delas ajuda ou não para que os tabus sejam quebrados e como isso é feito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Adolescentes; Televisão; Tabus.

### **TEXTO DO TRABALHO**

#### **Contexto histórico**

Apesar do surgimento e a ascensão da internet e plataformas de streaming, a exemplo da Netflix, a televisão ainda é um dos meios de comunicação mais importantes na vida dos brasileiros. De acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia de 2015, 95% assistem TV regularmente e 74% a assistem diariamente. O levantamento também afirma que o tempo de permanência das mulheres em frente ao aparelho é de 4h48 min diários, enquanto os homens gastam 4h12 min por dia em frente ao televisor. Entre pessoas de 16 a 25 anos, faixa etária mais jovem analisada na pesquisa, são gastos 4h19 min de segunda a sexta-feira e, aos finais de semana, 3h54 min assistindo TV.

Apesar disso, nota-se que, ao longo das décadas, poucos programas de entretenimento na TV aberta dedicaram-se a falar sobre a vida dos adolescentes, se contemplarmos a faixa etária de 12 a 18 anos, de acordo com o delimitado pelo Estatuto

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da FAAC-Unesp, e-mail: [guilhansen@gmail.com](mailto:guilhansen@gmail.com)

da Criança e do Adolescente (ECA). Isso porque em um contexto jornalístico, programas de entrevistas como o “Matéria prima”, exibido pela TV Cultura entre 1990 e 1991 e o Programa Livre, no ar pelo Sbt entre 1991 e 1999, ambos apresentados por Serginho Groisman, são célebres devido à comunicação de Groisman com o público jovem. Outro programa marcante foi o Fanzine. Apresentado por Marcelo Rubens Paiva e posteriormente por Zeca Camargo, ele foi exibido de 1992 a 1994 e tinha reportagens e entrevistas direcionadas aos jovens, que interagiam com os convidados presentes no programa.

No entretenimento, uma das primeiras tentativas de falar com o público jovem foi a série “Ciranda cirandinha”, exibida pela TV Globo em 1978. Criada por Paulo Mendes Campos, a série contava a história de quatro amigos, Hélio, Reinaldo, Tatiana e Susana, quatro jovens que dividiam um apartamento e começavam a encarar os problemas da vida adulta após deixarem a casa dos pais. “Ciranda cirandinha” não fez sucesso e por isso teve apenas sete episódios, ficando menos de seis meses no ar.

Anos depois, a Globo também lançou “Armação ilimitada” em 1985. Composta por dois protagonistas, Juba e Lula, a atração tornou-se *cult* entre os telespectadores jovens. Porém, isso foi muito mais devido ao seu grande apuro estético do que por falar de forma profunda ao público adolescente.

No decorrer dos anos seguintes, algumas novelas também da Rede Globo tentaram falar com o público jovem. Um exemplo foi “Top Model”, de 1989. A novela possuía um núcleo com adolescentes, correspondente aos seis filhos de Gaspar Kundera (Nuno Leal Maia), entre meninos e meninas. “Top Model” discutiu assuntos considerados tabus à época, como a masturbação. Em uma dada cena, após não poder levar para casa uma ficante, Gaspar toma uma revista masculina de um de seus filhos e o repreende com a sugestiva fala: “Se eu fiquei na mão, você também vai ficar!”, cena que repercutiu entre o público na época.<sup>3</sup>

Outra telenovela importante no período e que possuía um núcleo jovem foi “Vamp”, exibida em 1991. Os doze filhos de Carmem (Joana Fomm) e Jonas (Reginaldo Faria) eram majoritariamente adolescentes e, por meio deles, questões típicas do período também foram abordadas.

---

<sup>3</sup> SECCO, Duh. **Nos 28 anos da estreia de Top Model, 28 curiosidades sobre a novela**. Disponível em <<http://www.tvhistoria.com.br/NoticiasTexto.aspx?idNoticia=4186>> Acesso em 09.jan 2018

---

No entanto, o núcleo da família Kundera em “Top model” e o dos filhos de Jonas em Carmem em “Vamp” eram secundários e não avançavam nas discussões em relação aos assuntos relacionados ao universo adolescente. Não havia ainda produções direcionadas só e especificamente aos espectadores infanto-juvenis.

Com a estreia da série “Confissões de adolescente”, em 22 de agosto de 1994, na TV Cultura, tinha-se ali a primeira produção nacional destinada exclusivamente aos jovens e que também foi escrita por jovens. A série foi adaptada da peça homônima à TV por Daniel Filho, Patrícia Perrone, Euclides Marinho e Maria Mariana, criadora da peça original, que estreou no Rio de Janeiro em 1992. Ela conta com quatro personagens principais, as irmãs Diana (Maria Mariana), Bárbara (Georgiana Góes), Natália (Daniele Valente) e Carol (Deborah Secco), de 19, 17, 16 e 13 anos, respectivamente, além do pai das meninas, Paulo (Luís Gustavo), um advogado de 52 anos. A família é de classe média e vive na Zona Sul carioca. O seriado discutiu inúmeros assuntos considerados tabus como drogas, virgindade, primeira menstruação, aborto, entre outros. Mas como estes assuntos foram discutidos no ar? Foi de forma que contribuiu para quebrar tabus ou apenas contribuiu para a manutenção de estereótipos vigentes na sociedade? Essa será a análise feita à luz de pensadores do discurso, tais como Pechêux, Foucault e Bakhtin.

“Confissões de adolescente” teve um total de três temporadas. A primeira, como já citado, foi exibida na TV Cultura entre agosto de 1994 e janeiro de 1995. A segunda foi exibida de junho e setembro de 1996, desta vez na Rede Bandeirantes. Em 1999, os direitos da série foram vendidos ao canal francês TF-1, culminando em uma terceira temporada, rodada na França, com a presença somente de Maria Mariana e Daniele Valente, do elenco original. Para este artigo, o foco será nos episódios da primeira temporada, pois é a mais reconhecida pelo público. A segunda temporada não teve a mesma repercussão que a anterior e a terceira, por ser uma coprodução francesa, foi exibida de forma quase despercebida no Brasil. Ademais, a partir da segunda temporada, o elenco da série é desfalcado com a saída de Deborah Secco, que se transfere para a Rede Globo e é substituída por Camila Capucci, assim como Georgiana Góes, que aparece somente em depoimentos isolados em alguns episódios, pois também havia se transferido para a TV Globo à ocasião da segunda temporada, além de uma descaracterização das outras personagens principais da série, Diana e Natália. Dos 22 episódios da primeira temporada, foram selecionados os quatro que falam sobre temas relacionados à

---

sexualidade e drogas, sendo estes: “Essa tal de virgindade”, “Ainda não”, “Que droga!” e “Uma mulher moderna”.

### **Referências teóricas**

A palavra tabu tem vários significados, associados inclusive a coisas religiosas. Em uma definição simples, tabu é algum “assunto de que não se pode ou não se deve falar”<sup>4</sup>. Na mídia, assuntos relacionados a sexualidade e ao consumo de drogas sempre foram considerados tabus já que vivemos em uma sociedade que tem o costume de reprimir a sexualidade e demonizar o uso de drogas, pois “O processo de criminalização das drogas é visto como uma luta do bem contra o mal” (VIEIRA, CARNEIRO, CARVALHO, 2017, p.7). Sobre sexualidade, pensadores como Freud afirmam que assuntos sexuais são impróprios e que não devem ser falados (1916).

Logo, a mídia trazer à tona estes e outros assuntos podem estimular a discussão entre pais e filhos, pois a exposição televisiva faz com que os tabus não possam mais ser ignorados. De acordo com Belloni (2000):

Também na família nas quais os dramas dos folhetins televisuais servem muitas vezes como pretexto para discussão de problemas tabus (sexualidade ou drogas, por exemplo), os significados do discurso televisual são reelaborados, incorporados pelos jovens em seus hábitos, seu discurso e comportamentos. (BELLONI, 2000, p.124).

De acordo com a pesquisa “A voz dos adolescentes”, de 2002, da Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), o adolescente busca informações sobre sexo primeiramente da família (54%), depois pela escola (48%) e, em sequência, pelos amigos e pela mídia (46%), o que comprova a importância da TV ao falar de assuntos tabus como a sexualidade.

Através do discurso propagamos ideias e podemos ajudar a transformar conceitos presentes na sociedade. Para Fairclough (2001), o discurso pode naturalizar, manter e transformar os significados do mundo.

Diante disso, de que forma o discurso é propagado por um programa de entretenimento? No caso de “Confissões de adolescente”, logicamente o programa tem a função inicial de entreter o seu público. Porém, ao abordar temas comuns do universo

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://dicionarioaurelio.com/tabu>>. Acesso em: 18 Jan. 2018

---

jovem, os episódios contam histórias com determinados discursos. Os personagens expressam ideias e pensamentos e deixam isso claro ao público, principalmente com o recurso de olhar diretamente para a câmera, em uma ação de metalinguagem. Essa ação é acompanhada de um CG<sup>5</sup>, que geralmente contém o nome e a idade do personagem. Há variações, como a profissão do personagem e alguma legenda curta que caiba ao propósito do episódio. Porém, como não é o propósito deste artigo, o importante aqui é ressaltar que o CG<sup>6</sup> com nome e idade, junto com o olhar do personagem à câmera reforça o efeito desejado pelos autores da série de identificação do público com o personagem.

Para a AD<sup>7</sup>, todo discurso é feito por pessoas que, com elas, carregam ideologias consigo. De acordo com Orlandi, “a ideologia é, pois, constitutiva da relação do mundo com a linguagem, ou melhor, ela é condição para essa relação” (ORLANDI, 1994, p. 56).

O Círculo de Bakhtin concorda com o que a AD<sup>8</sup> defende, pois para ele, toda palavra que é dita por alguém “serve de expressão a um em relação ao outro” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p.117) e para um discurso que é dirigido para o outro, “lê-se em Bakhtin que “um enunciado absolutamente neutro é impossível” (MOLON; VIANNA, 2012, p. 157).

Embora, à luz da AD<sup>9</sup>, o discurso tenha uma finalidade ideológica, os indivíduos frequentemente acreditam que são os donos de sua fala. Sobre isso, Guerra (2009) descreve o sobre os tipos de esquecimento dos sujeitos. O primeiro é aquele em que o sujeito se acredita como origem de tudo o que diz. Este esquecimento seria inconsciente, pois o indivíduo procura apagar tudo o que não está em sua formação discursiva, o que o faz acreditar que seu discurso é inédito. O segundo, por sua vez, já seria consciente, pois o sujeito seleciona algumas falas em detrimento de outras. Por conta disso, ele acredita que todos interpretarão seu discurso exatamente da forma que ele quis transmitir.

Quando se diz respeito ao discurso propagado pela mídia, não é difícil saber que, de forma que lhe convém, ela seleciona quais fatos e visões de mundo irá transmitir ao público. Isso é confirmado por Foucault (2004), que, em sua obra, *A arqueologia do saber*, cita que o discurso tem sua produção controlada, selecionada, organizada e

---

<sup>5</sup> Sigla para Character Generator (Gerador de Caracteres)

<sup>6</sup> Sigla para Character Generator (Gerador de Caracteres)

<sup>7</sup> Sigla para Análise do Discurso

<sup>8</sup> Sigla para Análise do Discurso

<sup>9</sup> Sigla para Análise do Discurso

---

redistribuída com o intuito de determinar as mensagens que devem ser passadas em determinados momentos históricos.

Na mídia, não é incomum que isso aconteça. Diante da profusão de várias problemáticas da vida real, os produtos de entretenimento tomam temas polêmicos como pauta para desenvolver enredos, sejam eles factuais, como reportagens jornalísticas, ou as de ficção, por meio de novelas, séries e minisséries.

Neste sentido, pode-se dizer que “Confissões de adolescente” entra diretamente na linha de raciocínio proposta por Foucault. A série foi pioneira no tratamento de temas polêmicos como gravidez na adolescência, aborto, drogas e outros, mas isso veio de algo crescente na sociedade. De acordo com o IBGE, em 1990, 26,4% de partos realizados no Brasil vieram de mulheres com menos de 19 anos. Também vale ressaltar que a década de 1990 teve campanhas televisivas marcantes em relação ao combate às drogas, como as propagandas “Faz assim pras drogas”, estrelada pela atriz Ana Paula Arósio e “Drogas nem morto”, veiculada em 1998, o que comprova que assuntos que estão em programas de entretenimento frequentemente vêm de demandas da sociedade.

Então, além de direcionado ao outro, a linguagem é “num determinado momento sócio-historicamente situado e, assim, marcado na temporalidade como um evento único e irrepetível.” (MOLON; VIANNA, 2012, p. 148). Vale ressaltar que Confissões foi ao ar em 1994, menos de dois anos após o impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Mello, nas quais os jovens tiveram um grande papel ativo na retirada do parlamentar. Logo, a série aproveitou o momento histórico em que o jovem era tido como um herói-nacional e colocou o adolescente como o dono das ações na série.

### **Análise**

Diante das referências expostas, que afirmam que os enunciados vêm carregados de ideologias, percebe-se que em “Confissões de adolescente”, há pensamentos e crenças por trás da abordagem dos temas polêmicos expostos em sua primeira temporada.

Vamos começar a análise com o episódio “Essa tal de virgindade”. Já pelo nome do episódio, percebe-se o tabu que o tema representa, já que, entre outras coisas, quando se fala “esse (a) tal”, estamos falando de um assunto que é muito falado, mas que não conhecemos bem e, por isso, temos timidez ou medo de se conversar sobre. No episódio, Natália conhece um rapaz que está de passagem pelo Rio de Janeiro e se apaixona por ele. Enquanto se beijam, ela sente vontade de transar com o rapaz e confia isso às

---

irmãs. Diana e Bárbara a levam ao ginecologista que tira várias de suas dúvidas sobre sexo. Na cena, o médico aborda sobre a necessidade do uso de camisinha, como a pílula afeta o organismo da menina e sobre como usá-la enquanto se inicia a vida sexual.

Ao fazer isso, os criadores da série acreditam que os jovens telespectadores provavelmente têm pouco ou nulo conhecimento sobre o assunto e usam a cena da consulta ao ginecologista para falar de maneira didática como o jovem, neste caso, focado na mulher, deve proceder ao iniciar a vida sexual. O principal objetivo aqui é ensinar sobre sexo de modo que as meninas saibam se proteger e evitar DST's, além de uma gravidez indesejada. Embora não se tenha dados concretos, percebe-se um acerto dos autores ao abordarem o tema desta maneira, pois em relação à sexualidade, pois “o que se vê é uma dificuldade de expressão por partes dos pais, representada nas falas pela dificuldade em manter o diálogo sobre esse tema em casa” (NERY et.al, 2015, p.290). Se ainda hoje sexo ainda representa um tabu, nos anos 1990, esse tabu era ainda maior.

No final do episódio, Natália decide não transar com o namorado, já que ele iria embora pouco depois e enumera regras para a sua primeira transa. Ou seja, a mensagem que os autores da série querem passar é que cabe à mulher decidir a hora em que deve perder a virgindade. No entanto, Natália em sua fala diz que ela irá decidir com o namorado a hora da vez primeira deles, o que poderia indicar uma certa dependência em uma decisão que deve ser individual. Outra incoerência é que apesar de Natália querer usar camisinha para não adquirir uma DST, ela e o namorado fazem um pacto de sangue com os dedos. Vale lembrar que o vírus HIV é contraído pelo contato com o sangue de alguém infectado.

Em “Ainda não”, Renata, amiga de Diana, engravida do namorado quase que simultaneamente à primogênita das quatro irmãs. Ao contar para o pai, Diana é mal recebida, sendo chamada de débil mental por Paulo. Tal postura gera uma revolta entre as irmãs mais novas, principalmente Bárbara, que declara que ele se mostrou um pai medíocre diante da situação. Em relação a isso, deduz-se que um bom pai, de acordo com a ótica da série, é aquele que demonstra compaixão a seus filhos mesmo em seus erros, o que acontece depois, já que Paulo apoia a filha qualquer que seja sua decisão em relação à gravidez.

Como o aborto na época da série era proibida, algo que se mantém até hoje, exceto em casos pontuais (estupro, anencefalia do feto ou caso de risco à vida da mãe), a série não poderia fazer apologia ao ato de abortar. Porém, pela história de Renata, que decide



ter o filho, e Diana, que milagrosamente deixa de ficar grávida no fim do episódio, *Confissões* mostra as duas possibilidades para mulher na decisão. Por essas duas tramas, os autores da série passam a mensagem que, assim como na hora de transar pela primeira vez, também é somente da mulher a escolha se ela irá continuar uma gravidez indesejada. No entanto, o episódio não ressalta como Diana foi irresponsável em transar com uma camisinha furada ou, sabendo do fato, não usou de outros métodos contraceptivos, a exemplo da pílula. Logo, Paulo como pai, naturalmente tinha o direito de ficar bravo com a filha sem perder sua legitimidade paterna diante disso, até porque, caso a filha fosse tratada com condescendência, a sua gravidez não pareceria algo ruim às irmãs.

No mais, vale ressaltar que, no mesmo episódio, há a crítica contra mães que têm filhos mesmo que não tenham condições para criá-los. Há uma fala de D. Sebastiana, que no CG<sup>10</sup> vem inscrita com a frase “mãe de muitos filhos”, em que a personagem está rodeada de crianças e diz que não aborta de jeito nenhum, mesmo que passe fome. Através dessa fala, os autores passam implicitamente a ideia que é melhor fazer o aborto do que criar um filho sem condições. Apesar disso, vale ressaltar que a informação sobre métodos contraceptivos não é difusa pelo Brasil. Mas o fato da série ter dedicado o episódio anterior a falar sobre métodos contraceptivos seria uma espécie de antídoto contra isso.

“Que droga!”, o episódio 16, trata sobre o vício em drogas. Joel, namorado de Diana, usa substâncias entorpecentes e não vê problema algum nisso até que sofre overdose em uma festa. A partir daí o personagem repensa suas atitudes e resolve procurar tratamento para seu vício. O episódio faz um alerta maciço para os pais, com a fala do médico Aurélio Hungria, interpretado por Daniel Filho:

Se você passa para seus filhos a ideia de que não vale a pena lutar, que o sonho acabou, então transmite a imagem de um pai cansado, de uma mãe infeliz. Eles receberão a mensagem e não terão um incentivo. Daí ele pode recorrer às drogas para fugir da realidade massacrante e obter algum tipo de prazer. É muito importante manter o diálogo. Converse com seus filhos; este é o primeiro e melhor antídoto.

Claramente, a ideologia principal é que o diálogo é a principal arma para evitar que jovens comecem a usar drogas. A fala do médico, aliás, demonstra a preocupação dos criadores da série quanto ao tema, pois em todos os episódios de “*Confissões de adolescente*”, este é o único com um apelo tão direto ao telespectador.

---

<sup>10</sup> Sigla para Character Generator (Gerador de Caracteres)



---

Porém, há outras coisas implícitas no episódio. Joel, namorado de Diana e viciado em drogas, tem relacionamento com várias mulheres e em um encontro com Bárbara e seu namorado Tomás, afirma que leu o livro “Ereções, ejaculações e exibicionismos”, trazendo um estereótipo que usuários de drogas são promíscuos. Outra coisa é quanto a Tomás, que só se veste de branco e tem uma vida quase religiosa já que não bebe, não fuma e não transa. Através dele, os autores também mostram que não são favoráveis a extremos, no caso, os jovens podem aproveitar a vida, desde que com equilíbrio, ideia explícita através de Diana no final do episódio, que diz que ‘é preciso se atirar na vida’, além de se referir a Tomás como um cara neurótico.

O episódio 20, “Uma mulher moderna”, discute sobre menstruação. Carol fica menstruada pela primeira vez após um jogo de futebol. A partir daí ela começa a sentir dores típicas de uma mulher e começa a questionar o seu papel enquanto ser humano.

Na visão dos autores da série, a menstruação é o momento em que a menina se torna mulher e deve voltar a sua atenção em coisas exclusivas do universo feminino, como o cuidado pela aparência, a interação com o sexo oposto e o desenvolvimento de atividades tidas como femininas.

Isso porque, no episódio, Carol tem, no mesmo dia, um jogo de futebol com os garotos do colégio e a festa de aniversário de sua melhor amiga, Juba. Ela é pressionada por suas irmãs mais velhas, sobretudo Diana, a ir à festa ao invés do jogo. A primogênita da família diz: “*Carol, lembre-se que você não está escolhendo entre ir a um jogo e a um aniversário. Você está escolhendo entre ser menina e ser mulher.*” Ou seja, Carol só se tornaria uma mulher de fato, além do fisiológico, se fosse à festa, pois lá, como diz Diana, “*vai ter um monte de gatinhos*”. Uma das preocupações a partir dali seria o contato com os homens, já que a menstruação marca o início do desenvolvimento da sexualidade feminina.

Outra visão dos criadores e que é deixada claro pelo episódio é que a mulher recebeu o dom da maternidade e deve usá-lo. E a menstruação seria o indicativo da mulher para isso. Carol, ao se sentir triste após menstruar e ver que não poderá mais desfrutar a mesma liberdade que tinha antes, indaga isso para Diana, que diz que Deus fez os homens mais soltos para enfrentar o grande mistério da mulher (maternidade):

Isso acontece com todas as mulheres, Carol. Ou já aconteceu, ou vai acontecer. Não tem escapatória. E é uma coisa tão bonita, é pra gente comemorar, não é pra sofrer. Sabe Carol, às vezes eu gosto de pensar

---

que nós, mulheres, a gente carrega no nosso corpo a origem do mistério de tudo. Porque os meninos não né, eles são diferentes, são mais expostos. As mulheres são tão misteriosas... pra quê que uma mulher quer esse tipo de poder? A gente pode gerar filhos, Carol. Isso já não é o suficiente? Eu acho que foi por isso, pra compensar esse poder que a mulher tem que a natureza deu pro homem, esse hormônio que faz ele ficar assim, dominador. Porque não tem jeito né, só muito bem armado é que eles conseguem ter coragem de enfrentar o grande mistério da mulher.

Pela perspectiva do episódio, os criadores da série estereotipam a mulher para funções matriarcais, além de mostrar um certo machismo, já que Carol deveria estar bela para agradar meninos. No entanto, essa perspectiva é quebrada no fim do episódio, pois Carol sai do aniversário para jogar futebol. Sua última fala refere-se justamente ao seu papel como mulher. Ela pode desenvolver sua feminilidade e sexualidade, no entanto, não precisa se prender a obrigações exclusivamente femininas e ter interesse em agradar garotos, pois ela olha para a câmera e afirma: *“Quer saber? Eu sou uma mulher, mas uma mulher moderna, ‘tá’ sabendo?”*.

Vale ressaltar a cena em que Carol vai tomar banho. Nela, as irmãs explicam como ela deverá proceder daqui para a frente, em relação à higiene pessoal - uso do absorvente, lavagem da calcinha - além das consequências da menstruação, como a TPM e a gravidez. Assim, as adolescentes que assistem ao episódio têm informação sobre o tema de maneira informal, importante para quem tem dúvidas sobre o assunto, devido à “dificuldade de expressão por partes dos pais, representada nas falas pela dificuldade em manter o diálogo sobre esse tema em casa” (NERY et.al, 2015, p.290).

## **Conclusão**

Pelos episódios analisados, é possível dizer que “Confissões de adolescente” quebrou tabus na televisão brasileira, já que, em relação ao sexo, falou sobre métodos contraceptivos, a exemplo da camisinha, discutiu a questão do aborto mostrando que a mulher pode escolher entre manter ou interromper a gravidez, algo ousado na televisão brasileira, considerando a proibição do aborto no Brasil na época de produção da série, o que fazia com que o tema não pudesse ser falado explicitamente. Em relação às drogas, apesar de alguns estereótipos, como o da promiscuidade, o apelo em relação ao diálogo é contundente. Sobre menstruação, o tema é falado com naturalidade, apesar de ideias machistas dos autores.

---

Embora não seja necessariamente a função da mídia, é interessante quando um programa de entretenimento é educativo. E “Confissões de adolescente” consegue educar, tirando dúvidas dos espectadores sobre os assuntos retratados, além de entreter, com o mérito de não atribuir juízos de valor às ações dos personagens principais. As ideologias que os criadores da série tinham contribuíram para que os temas do programa fossem expostos com a maior naturalidade possível, o que aconteceu. Uma prova da revolução de “Confissões de adolescente” na TV brasileira é que após o sucesso do programa, as emissoras de TV aberta passaram a investigar em programas voltados exclusivamente para o público adolescente, tamanha a potencialidade de temas que podem ser usados para dialogar com esse público.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009 [1929].

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia- educação**. Coleção polêmicas do nosso tempo. Campinas – SP. Editora Autores Associados, 2000.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 1991**. Rio de Janeiro, 1991, 209 p.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FREUD, Sigmund. **A vida sexual dos seres humanos**, E.S.B., Volume XVI, Rio de Janeiro: Imago, 1916-1917, 355p.

GUERRA, Vânia Maria Lescano. Uma reflexão sobre alguns conceitos da análise do discurso de linha francesa. **An. Sciencult**, v.1, n.1, Paranaíba, 2009. p. 5-18.

MOLON, Newton Duarte; VIANNA, Rodolfo. O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 142-165, jul./dez. 2012.

---

NERY, I. S. et al. Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. **Acta Paul Enf**, [S.L], v. 3, n. 28, p. 287-292, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, Imaginário Social e Conhecimento. **Em Aberto**, Brasília, n. 61, p. 53-59, jan./mar. 1994.

REPÚBLICA, Secretaria De Comunicação Social Da Presidência Da. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: Hábitos de consumo de mídia da população brasileira**. Brasília: Secom, 2014. 153 p.

UNICEF. **Pesquisa: A voz dos adolescentes**. Brasília: 2002. Disponível em: <[www.unicef.org/brazil/pesquisa.pdf](http://www.unicef.org/brazil/pesquisa.pdf)> Acesso em 24 jan.2018

VIEIRA, Aylla Rodrigues; CARNEIRO, Francisco Fábio Bezerra; CARVALHO, Robson Augusto Mata de. A droga como tabu na sociedade. **Scientia**, [S.L], v. 4, n. 7, p. 1-12, 2017.